

Depois da ordem, a adaptação

» GUILHERME FRIZZERA
*Doutor em relações internacionais
pela UnB e coordenador do
bacharelado em relações
internacionais
da Uninter*

recorrente das relações de poder.

Enquanto o Norte Global processa a perda de um arcabouço do qual dependia para sua estabilidade, o Sul lida com a ruptura como parte de um ambiente historicamente desfavorável, marcado pela ausência de garantias. O colapso dessa ordem remove o véu de uma igualdade jurídica raramente efetiva, permitindo que a diplomacia nacional opere com maior clareza sobre os interesses em jogo.

Essa condição produziu uma diplomacia mol-
dada para operar sob assimetria, instabilidade e

luta para operar no exterior, mas também escassez de garantias. Países como o Brasil desenvolveram estratégias que prescindem da proteção automática das instituições multilaterais e se apoiam na diversificação de parcerias, na autonomia decisória e na leitura pragmática das correlações de força. O cenário atual apenas evidencia as limitações daqueles que estruturaram sua inserção internacional a partir da previsibilidade assegurada por terceiros, agora ausente, e da expectativa de continuidade de uma ordem que perdeu capacidade de constranger comportamentos.

Esse contraste tornou-se evidente na reação europeia à crise venezuelana. Ao celebrar publicamente um suposto retorno da democracia e anunciar novos ventos políticos sobre Caracas, as chancelarias europeias projetaram sobre a intervenção um vocabulário normativo ausente do discurso de Trump, que evitou deliberadamente a linguagem democrática e adotou uma agenda de caráter instrumental. A resposta europeia revelou menos convicção normativa e mais dificuldade de reconhecer a ruptura em curso, preservando símbolos de uma ordem que já não encontra respaldo nem nos fatos nem na prática política.

tos recentes. A guerra na Ucrânia, travada no próprio continente europeu, expôs a dependência

seguritária em relação ao poder militar norte-americano, com decisões estratégicas subordinadas a prioridades externas e voláteis. Em Gaza, condenações formais às ações de Israel coexistiram com o apoio a iniciativas diplomáticas delineadas fora da Europa, evidenciando os limites de sua autonomia política e estratégica em contextos de alta pressão internacional.

No plano econômico-comercial, a diferença de capacidade adaptativa também se impôs. Diante

capacidade adaptativa também se impôs. Diante do tarifaço imposto em 2025, a União Europeia optou por um acordo rápido, alvo de críticas pelas concessões realizadas. O Brasil, embora inicialmente mais atingido e com canais diplomáticos bloqueados, manteve sua posição, ampliou interlocuções alternativas e obteve um resultado provisório mais eficiente. Esse comportamento contrasta com a hesitação europeia em avançar no acordo com o Mercosul, apesar de ele se alinhar à ampliação de mercados e à redução de dependências, estratégia mais coerente com o ambiente internacional atual e com a lógica de diversificação adotada pelo Sul Global.

Passado o impacto inicial, a instabilidade deixa de parecer uma anomalia. Isso não significa que a transição para um arranjo pós-liberal seja menos custosa, mas que essas dificuldades não são desconhecidas para países habituados a operar sob assimetrias e incertezas. O que para o Norte Global surge como ruptura abrupta, para o Sul é a continuidade de um ambiente no qual avançar exige menos apego à perda da ordem e maior capacidade de ajuste ao movimento do sistema. O fim do ciclo liberal do direito internacional, portanto, não encerra a diplomacia, mas eleva o custo de exercê-la em um mundo onde garantias permanentes deixaram de existir.

Paradiplomacia e a dimensão subnacional da geopolítica

» ROBSON CARDOCHE
VALDEZ
*Professor de Relações
Internacionais do IDP-Brasília*



Como é sabido, a assinatura do Acordo de Livre Comércio Mercosul-União Europeia aconteceu em um cenário internacional marcado pela fragmentação das relações comerciais e por disputas geopolíticas com impactos imprevisíveis sobre a hierarquia do poder no sistema internacional. Seus efeitos não se limitam exclusivamente ao âmbito federal e alcançam diretamente os governos subnacionais que lidam, no cotidiano, com incorporação de novas normas e redefinição de parcerias estratégicas. É dentro desse contexto que a paradiplomacia de estados e municípios passa a ocupar um papel central no sentido de alinhar suas estratégias de desenvolvimento de forma sistêmica por meio de uma refinada leitura das dinâmicas geopolíticas e geoeconômicas globais.

Tomemos o Rio Grande do Sul como exemplo. Em 2025, Bélgica, Vietnã, Indonésia e Paraguai destacaram-se como parceiros que ampliaram, significativamente, seus respectivos fluxos comerciais com o estado, ficando atrás somente de destinos tradicionais, como China, Estados Unidos e Argentina. Somados, aqueles países (Bélgica, Vietnã, Indonésia e Paraguai) aproximaram-se do volume importado por norte-americanos e argentinos. Adicionalmente, faz-se necessário ressaltar que o gradual esforço de diversificação de parceiros comerciais empreendido pelo estado ao longo dos últimos anos, ainda que de forma reativa e intuitiva, foi crucial para mitigar os impactos do tarifaço de Donald Trump sobre o conjunto da economia gaúcha.

US\$ 846,5 milhões em exportações do Rio Grande do Sul (3,9% do total). Trata-se de uma pauta pouco diversificada, fortemente concentrada no tabaco e com participação secundária de plásticos. Contudo, mais do que um mercado relevante em termos absolutos, trata-se de importante porta de entrada para a União Europeia. Nesse sentido, a paradiplomacia profissional se vê diante de desafios adicionais, uma vez que o acesso ao mercado europeu está associado a exigências rigorosas em áreas como sustentabilidade, padrões sanitários e rastreabilidade. Dessa forma, para os governos subnacionais, a paradiplomacia pode funcionar como canal permanente de diálogo técnico e institucional, preparando setores produtivos locais para um ambiente regulatório cada vez mais complexo e normativo.

lhões das exportações gaúchas (3,2%) e se destaca como um mercado dinâmico para alimentos (cereais, resíduos, carnes e grãos), além de tabaco, couro e plásticos. Em processo de aprofundamento de sua relação comercial com o Mercosul, o país integra uma estratégia asiática voltada à diversificação de parceiros e ao fortalecimento industrial. Para estados e municípios brasileiros, o Vietnã, que já oferece oportunidades relevantes, torna-se um parceiro ainda mais estratégico diante das parcerias com o Brasil e de seu desejo de firmar um acordo de livre comércio com o Mercosul. Da mesma forma, estados e municípios precisam se preparar profissionalmente para competir em cadeias agroindustriais e compreender modelos de desenvolvimento e políticas estatais típicas do Sudeste Asiático.

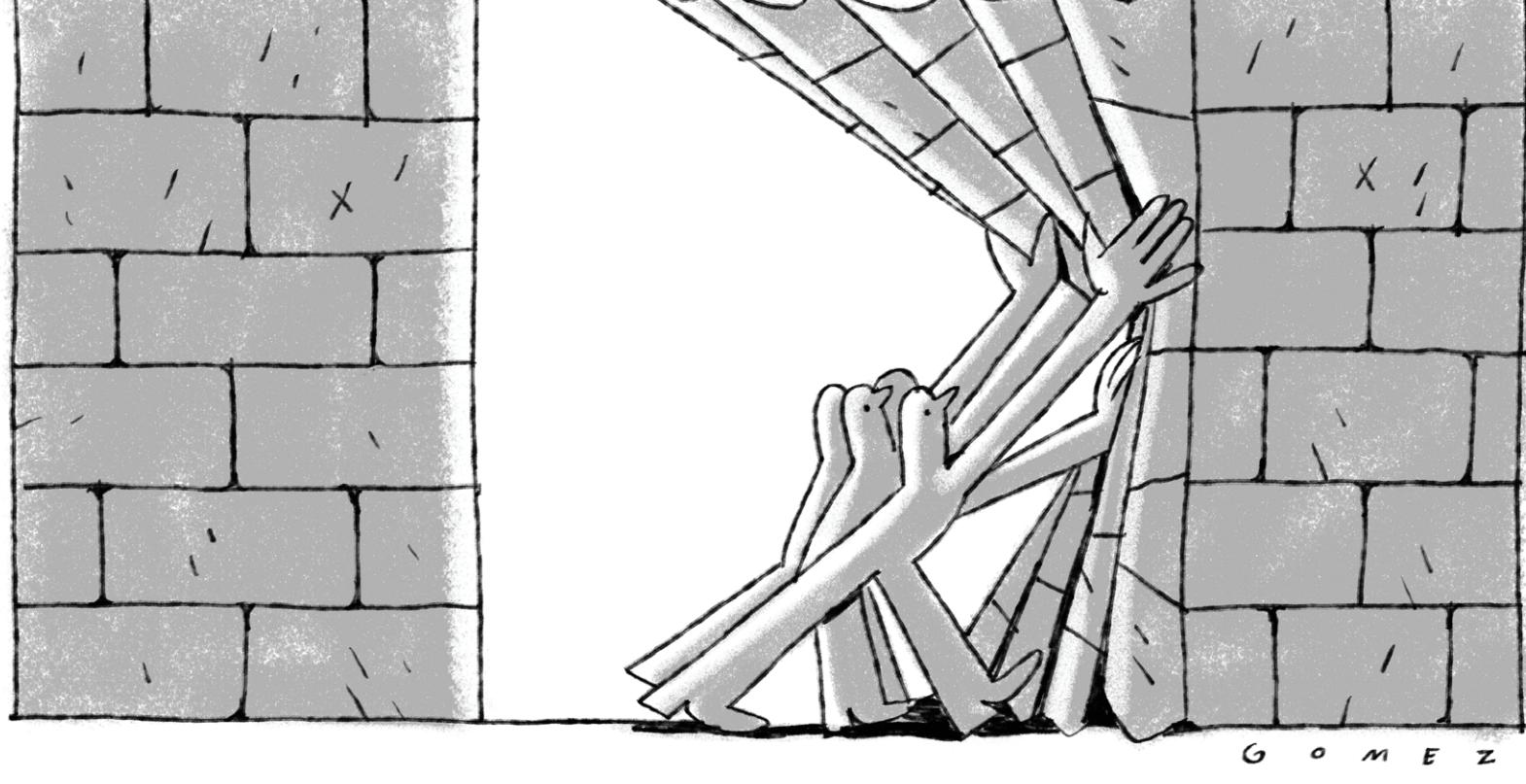
do Rio Grande do Sul (2,8%), com compras concentradas em resíduos da indústria de alimentos, tabaco e cereais. Como integrante dos Brics, o país se insere em uma lógica geoeconômica que busca maior autonomia em relação aos centros tradicionais do comércio internacional. A aproximação com mercados desse perfil exige dos governos locais uma leitura estratégica que vá além do curto prazo, incorporando considerações sobre alinhamentos políticos, estabilidade institucional e possibilidades de cooperação Sul-Sul.

Por fim, esses dados revelam que a inserção

Por fim, esses dados revelam que a inserção internacional subnacional se dá em múltiplos tabuleiros ao mesmo tempo. Nesse contexto, a paradiplomacia, não se resume simplesmente à promoção comercial, mas passa a desempenhar uma função mais ampla de gestão estratégica de riscos e oportunidades. Desse modo, a paradiplomacia contribui para a diversificação de mercados, a redução de vulnerabilidades externas e o fortalecimento da resiliência econômica regional, além de fomentar parcerias de cooperação em áreas como a educação, turismo e inovação.

turismo e inovação.

Assim, diante do acordo Mercosul-União Europeia e da intensificação das relações com a Ásia e o Sul Global, incorporar variáveis geopolíticas e geoeconómicas à atuação internacional dos governos locais torna-se imperativo. Estados e municípios que investirem em capacidades paradiplomáticas estarão mais bem posicionados para converter acordos comerciais em desenvolvimento sustentável, competitividade regional e maior autonomia estratégica em um mundo cada vez mais multipolar.



A profecia do tapete vermelho

Poeta e multiartista

E, quanto mais Kleber ia lá, mais ele se via trazido o lho e seu talento, mais a minha mãe se enchia de orgulho dele. Acho que ela realizou com Kleber e seus filmes o seu sonho de uma vida cinematográfica; seu sonho hollywoodiano de ser uma estrela. Imagina, ela queria fugir com o circo quando menina! Cantava na rádio Poty, ia ao cinema praticamente todos os dias e se alimentava do glamour constelar das revistas sobre os astros americanos. Com ela e seu amor, aprendi Michel Legrand; aprendi *Melodia imortal* e *Suplício de uma saudade*.

dade; aprendi Audrey Hepburn e James Stewart.
Ela aprendeu *O som ao redor, Aquarius, Bacurau, Retratos fantasma*s, *O agente secreto...* que tem uma personagem chamada Lenira; que tem uma Dona Sebastiana, em quem vejo minha mãe e tantas mães nordestinas, com seus conselhos impagáveis, seus bordões espertos, sua lucidez e determinação diante dos desafios que se impõem diante de gerações de mulheres brasileiras.

Dona Lenira vislumbrou, em cada passo de Kleber, um caminho com destino certo. O tapete vermelho. E cada prêmio que nosso cineasta foi amealhando, foi uma confirmação do que ela via no seu tarô imaginário, no seu oráculo de celulóide. Se a menina pudesse viajar no tempo, desde o cinema paroquial até o próximo 15 de março, se surpreenderia com o impossível se tornando possível, como quase sempre acontece com o impossível, em algum momento. Mas não é a menina, e, sim, a senhora de 89 anos, ainda menina no fundo da retina, que assistirá à grande festa do cinema, quando estaremos em festa, muito perto de lá.

Sera o maior澍cesso da história do Brasil, por que, agora, somos, como nunca, o que sempre fomos, o país do cinema. O país de uma câmera na mão e ideias na cabeça. O país de *Macunaíma*, com Grande Otelo e o país de Norma Bengell, que certa tarde encontrei numa rua chuvosa do Rio de Janeiro e sorriu pra mim; o país de Vera e *A hora da estrela*. O país da contradi o, que fecha salas de cinema, brilha em Cannes e chega ao Oscar.

E o Oscar, afinal,  t o importante assim?

Ele amplia o alcance de um filme e de toda uma

cultura que ele carrega junto. É um dispositivo de mercado, de multiplicação de mercados. Porque, quando um filme brasileiro chega lá, o Brasil chega junto. Dona Lenira chega junto. E, aí, o Brasil se espalha, mais ainda do que já gosta de se espalhar. E contagia, mais ainda do que já gosta de contagiar. O Oscar importa porque é festa, e a gente é de festa. Lá em casa sempre foi assim, de se reunir pra ver o Oscar, de torcer e vibrar. Porque a gente ama Cinema, assim, com C maiúsculo.

Não sabemos que resultados o tapete vermelho e a cerimônia do Oscar trarão. Não fazemos ideia de como terminaremos a noite, mas começaremos com a alegria e cheios de doces esperanças, que são as melhores de se viver. Tem um Oscar que é um boneco dourado e um outro Oscar, que é um símbolo de coisas que estão dando certo, que se movimentam em direção ao futuro. Coisas que se tornam, nem que seja por uma noite de brilho e encantamento, a representação de um país e o desejo de um povo.